

Discurso, autor e sujeito dentro da obra *A Ordem do Discurso* de Michel Foucault: uma análise metadiscursiva.

Simone Aparecida de Sousa ¹

RESUMO: O presente trabalho discute as relações discursivas, a ilusão monológica do sujeito, as relações de autor e o processo de subjetividade, na obra *A ordem do discurso* de Michel Foucault, aula inaugural do mesmo no Collège de France.

Palavras-chave: Sujeito; Discurso; Foucault

ABSTRACT: This paper discusses the discursive relations, soliloquize the illusion of the subject, the relationship of author and the process of subjectivity in the work order from the speech of Michel Foucault, of the inaugural lecture at the Collège de France.

Keywords: Subject; Speech; Foucault

1-Introdução:

Michel Foucault, importante filósofo francês, em sua obra *A ordem do discurso*, discurso de sua aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970, ao assumir a cadeira de seu antigo professor Jean Hyppolite, na disciplina História dos Sistemas de Pensamento, produz um discurso literário, bem ao seu estilo de escritor que demonstra a importância e função do discurso no processo de comunicação, assim como o sujeito e o autor se posicionam perante esse discurso.

Numa abordagem metalingüística, Michel Foucault, analisa a ilusão monológica do sujeito ao produzir um discurso, as ideologias subjacentes nos mesmos, o posicionamento do sujeito enquanto autor do texto, focalizando sempre o discurso como processo de interação comunicacional.

A contribuição de Michel Foucault para a Análise do Discurso é de suma importância, pois num estilo literário envolvente o autor reflete conceitos, analisa posicionamentos, na obra *A ordem do discurso* percebe-se que o enfoque, segundo o autor do discurso, não se encontra no sujeito, nem no enunciado, mas nas formulações discursivas.

1-Aluna do curso de mestrado em Educação e Linguagem UNEC – Caratinga- MG.

No presente trabalho discutiremos as noções de sujeito, autor e discurso apresentados na obra, assim como entrelaçaremos o homem, Michel Foucault, e a importância para o mesmo do momento de enunciação da Ordem do Discurso para o mesmo.

As noções de discurso dentro da obra:

As formulações discursivas, os processos interacionais entre os interlocutores e o contexto de enunciação, são os focos de análise para compreender os discursos, uma vez que esses são mais que os enunciados formulados. A consonância dos enunciados com o contexto é fator primordial para que o processo comunicacional aconteça.

O discurso é a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, na qual estamos inseridos, através do discurso o material pode ser compreendido, interpretado, reorganizado, dessacralizado. Assim como tudo se reorganiza e se renova, o discurso também é refeito cada vez que é anunciado, produzido.

Uma cumplicidade primeira com o mundo fundaria para nós a possibilidade de falar deles, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e de conhecê-lo, finalmente, sob a forma da verdade, é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação, mas este logo na verdade, não é se não um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas ou os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de conseqüências de si. (FOUCAULT, 1996, pág. 48-49)

O discurso tem força criadora, produtiva, o discurso possibilita que as ideologias se materializem, torna-se perigoso na medida em que serve a interesses, consolida estratificações sociais, pode ser usado para marginalizar, discriminar. Discurso, nessa perspectiva significa poder.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996, pág. 10-11)

Quem tem acesso a um discurso convincente pode utilizar-se da linguagem para manipular, dominar, seduzir, por isso o discurso passa a ser cobiçado, admirado, desejado, temido por seu simbolismo, sua força. Literariamente poder-se-ia denominar

essa característica das formações discursivas como o poder da palavra, palavra que se impõe com toda sua força aos seus locutários, produzindo sentidos, causando significações, palavra que, uma vez proferida deixa sua marca. Uma vez entendido as questões ideológicas que permeiam todo discurso, a força que o mesmo possui de construir e destruir o discurso passa a ser temido, a sociedade relega-o, ignora-o, com isso cria-se a ilusão de destituí-lo de seu poder, de diminuir sua força, mas, o silêncio da sociedade perante o poder do discurso não o destitui, não o apaga. Foucault, n' *A ordem do discurso* mostra o medo das sociedade perante o discurso.

Tudo se passa como se tivessem querido apagar até as marcas da irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Há sem dúvida em nossa sociedade e, imagino em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logo fobia, uma espécime de temor surdo destes acontecimentos, desta massa de coisas ditas, do surgir de todos estes enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso deste grande zumbido incessante e desordenado do discurso. (FOUCAULT, 1996 , pág. 50)

A temeridade perante o discurso, contudo não paralisa os indivíduos, não impossibilita a utilização do mesmo no processo interacional, o indivíduo utiliza-se desse sem, no entanto aceitar o mesmo em sua complexidade, em meio ao dito e do não-dito vão se constituindo relações, sendo trilhados caminhos, escrevendo-se a história.

A utilização do discurso, e o receio perante o mesmo vão criando no indivíduo, constituído sujeito, através das ideologias subjacentes, várias inquietações, resultado do medo. Assim o discurso passa a ser controlado e a anunciação do mesmo exige que o locutor tenha direito a essa anunciação/enunciação, direito adquirido pelo papel representativo que o indivíduo desempenha na sociedade. "O ritual define a qualificação que deve possuir os indivíduos que falam um ritual que determina par os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papeis preestabelecidos." (FOUCAULT, 1996, pág.39)

Importa salientar que, uma vez sendo a vida transitória e construída a cada momento, o papel constitutivo do sujeito altera-se, modifica-se, essa transitoriedade lembra o indivíduo de ser o mesmo instrumento do ato comunicacional, não o centro da comunicação. Essa certeza é causa de sentimentos contraditórios, angústias.

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, pág. 08-09)

Sendo o discurso uma materialização de ideologias, muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições, o discurso começa a representar interesses de classes, servir de dominação. Discurso simboliza poder, e numa metalinguagem passa a ser desejado por tudo que o mesmo é capaz de conquistar, materializar. Saber utilizar o discurso significa controlar pessoas, direcionar a história. O discurso passa a ser então o objeto desejado.

Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascarar-la. (FOUCAULT, 1996, pág. 20)

Foucault demonstra uma profunda clareza diante da força do discurso, da força materializadora do mesmo, da responsabilidade do locutário ao utilizar-se das palavras e constituir os discursos. Assim é notória a forma como o mesmo na obra *A ordem do discurso*, demonstra sua consciência diante de algo tão relevante como a força das formulações discursivas, uma vez que a maioria de nós nos utilizamos da linguagem de forma negligente, reproduzimos ideologias sem analisarmos e assumirmos a parcialidade de nossas formulações discursivas.

Enunciado e enunciação:

Uma vez analisado o valor do discurso dentro do processo de comunicação Foucault analisa em sua obra duas proposições importantes dentro do discurso que são o enunciado e a enunciação.

Chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência. (FOUCAULT, 1996, pág. 15).

Segundo Dominique Maingueneau na obra *Termos-chave da Análise do discurso*, enunciado é um termo polissêmico, sendo necessário analisá-lo sob diferentes aspectos. Considerado a luz da sintaxe enunciado oporia-se à frase, a frase sendo um tipo de enunciado e o enunciado uma seqüência verbal dotada de sentido e sintaticamente completa, assim o enunciado seria uma unidade de comunicação elementar. Do ponto de vista enunciativo a frase seria uma estrutura fora do emprego. Ainda em nível superior enunciado é considerado como equivalente de texto.

Koch, em sua obra *Argumentação e linguagem*, identifica a frase como unidade abstrata passível de infinitas realizações particulares, enquanto o enunciado consiste na realização dessas frases.

Ainda segundo Koch, na referida obra a enunciação seria o evento de produção de um enunciado, Dominique Maingueneau denomina a enunciação como produto, acontecimento, colocação da língua em uso, constituída dentro de um espaço e tempo.

Autor, sujeito e subjetividade:

Perante uma sociedade em que a necessidade da afirmação do ser humano se faz pertinente e importante, seja essa afirmação no âmbito pessoal, profissional, e intelectual, questões concernentes à autoria são também discutidas por Michel Foucault em sua obra. “O autor é aquilo que dá inquietante linguagem de ficção suas unidades ponto seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1996, pág. 28).”

Sendo as formulações discursivas o centro da comunicação, o autor materializa a linguagem dando-a concretude, tirando-a do campo do pensamento trazendo-a para o universo palpável.

Mas autor não implica em ser inédito, apesar do mascaramento do sujeito, de sua ilusão discursiva, segundo Brandão, todo discurso é resultado de outros já pronunciados em outros contextos, por atores representantes de outros papéis, o que faz o sujeito imaginar-se inédito.”Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos. “(FOUCAULT, 1996, pág. 23).

Nesse processo dialógico com o mundo o sujeito é constituído, ao mesmo tempo em que constrói a realidade em que está inserido. Através do discurso o sujeito se

constitui como construtor de uma realidade, modificando-a e sendo modificada por ela, constituindo uma sociedade que é reflexo desses discursos.

O sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo. Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas, porque pratica sentido, ação simbólica que intervém no real. Pratica, enfim, a significação do mundo. O sentido é história e o sujeito se faz (se significa) na historicidade em que está inscrito. (ORLANDI,2001,pág. 44)

Ao mesmo tempo em que o discurso nunca é inédito, o contexto de produção do mesmo é sempre original, inédito o que determina que mesmo não sendo original todo discurso seja único, Foucault tem perfeita noção de que as idéias transmitidas por ele são heranças de várias outras a ele transmitidas, mas ao mesmo tempo sabe que o momento dessas formulações discursivas jamais foi vivenciado, que mesmo tendo inúmeras outras aulas a ministrar no Collège de France essa primeira será única.

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. O autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência. (FOUCAULT,1996, pág. 26)

Constituir-se, assim, como sujeito de um discurso implica em apropriar-se subjetivamente de um discurso, num determinado contexto que devido as suas condições de produção fará desse momento único, diferenciado. Experiência entrelaçada de ideologias que marcam o ser humano em sua singularidade.

Foucault e *A ordem do discurso*: o autor na obra:

Michel Foucault, um dos maiores pensadores do século XX, encanta em sua obra por sua capacidade literária, conseguir transmitir verdadeiros conceitos com uma singularidade, sensibilidade, que ao mesmo tempo que serviram para torná-lo um grande intelectual, também serviram para sentir-se tão estigmatizado dentro de uma sociedade como a de seu tempo.

Privilegiado por ter tido a oportunidade de conviver num contexto histórico-social de tantas revelações e tendo o convívio de figuras importantes como Barthes, Deleuze, entre outros, Foucault tem a oportunidade de ser aluno de Jean Hypollite, fato que transforma toda sua vida e pensamento.

Quando o discípulo é convidado a substituir o mestre numa cadeira do Collège de France, demonstra com extrema sensibilidade a influência de Hypollite em sua

formação e a consciência da importância da função que irá exercer o medo em se colocar como portador de algo, que talvez muitos esperassem novo, diferente.

A ordem do discurso é sua apresentação perante a instituição, na obra, Foucault inicia mostrando o poder da palavra, a força do discurso, o sentimento de impotência diante do mesmo, homem como mero instrumento.

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nós que deverei pronunciar que, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado por bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria então que eu encadeirasse, prosseguisse a frase e me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1996, pág. 5-6)

Percebemos a consciência do autor da polifonia, do dialogismo. Assim como vários poetas percebem a poesia, não como uma escolha, mas como uma imposição em suas vidas, personificando a palavra de maneira gigantesca, *guaches* que figuram no mundo através das palavras, Foucault se percebe, não como autor de um discurso pronunciado, mas, como sujeito do que não é dito das lacunas, do silêncio.

Seja qual for a classificação que se der a Michel Foucault, seu estilo poético encanta. No trecho supracitado temos metáforas: “insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar”; gradação: “bastaria então que eu encadeirasse, prosseguisse a frase e me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios,” prosopopéia: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado por bem além de todo começo possível.” A leveza dos versos, a escolha das palavras, faz de sua obra de profunda discussão filosófica, uma arte literária.

Todas essas características demonstram como Foucault portou-se diante a vida e sua sociedade. Homossexual, num tempo em que a homossexualidade era considerada doença, professor numa tradicional família de médicos, poeta disfarçado de filósofo ou talvez alguém que conseguiu traduzir a filosofia através da poesia.

No fragmento abaixo se percebe a angústia diante do entrelaçamento dos discursos, do medo de não corresponder às expectativas ao substituir o mestre, da utilização do discurso nem sempre de forma clara e honesta. Ao mesmo tempo o próprio Foucault responde de forma alegórica que ele não deve temer uma vez que é apenas um instrumento utilizado, pois o grande centro de tudo é o discurso, há muito esperado.

O desejo diz: “eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como a transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem a minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria se não de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “você não tem porque temer começar: estamos todos aí para te mostrar o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mais o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”. (FOUCAULT, 1996, pág. 07).

O pessoal é deixado em detrimento do coletivo, o sujeito verdadeiro do discurso é o próprio discurso. Novamente gradações: “gostaria que fosse ao meu redor como a transparência calma, profunda, indefinidamente aberta,”; prosopopéia: “de onde as verdades se elevassem, uma a uma”; comparação: “eu não teria se não de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. O poder de escravizar ou libertar, incluir ou discriminar não é dado ao homem como ser racional, mas ao homem como produto de suas relações discursivas, perpassadas de ideologias.

Sujeito de seu tempo e sua história, Foucault, demonstra-se ser, não insensível ou imune a sua história, mas consciente de serem, as formulações discursivas de sua época, geradora de suas incongruências.

Considerações finais:

Sendo esse trabalho um trilhar pela obra de Michel Foucault, salienta-se a importância da sensibilidade do homem para a constituição do filósofo, do poeta, como o mesmo apresenta profunda consciência do papel do homem na constituição da realidade e a importância do discurso para a construção da sociedade.

Seja como prática de consolidação de realidades, seja como forma de alteração de uma ordem. Através de um discurso de aula inaugural Foucault nos mostra as funções do discurso e toda sua força.

Referências:

- BRANDÃO Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: UNICAMP, 1994.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8ª ed. - São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- _____. “A análise do discurso, algumas observações” In: Delta, vol.2 nº1, 1986.
- _____. *Discurso e leitura*. 6ª ed. Campinas: Cortez, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- _____. *Discurso e texto Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. (Org.) *A leitura e os leitores*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2003.